

O Sermão da missão – Mt 10

Chamado aos 12 discípulos

Após o Sermão do Monte, Jesus chama os seus discípulos e dá a eles a missão que perduraria até a volta do Filho do Homem (v. 23), essa designação dada pelo próprio chefe da missão provoca diferentes interpretações entre os teólogos de nosso tempo, mas não por abertura dada na interpretação do texto e sim pela natural tarefa da teologia de propor questões ao invés de impedi-las.

Ao ler todo o Sermão da Missão podemos ver claramente uma missão direta dada aos 12 discípulos, missão que deveria ser cumprida até o seu retorno junto ao grupo. Os discípulos se separariam para percorrer todas as *cidades de Israel* mas não conseguiriam alcançar todas elas antes do retorno do Mestre, esse trabalho seria concluído apenas após a morte e ressurreição de Cristo, com o apostolado de Pedro e outros apóstolos.

Nessa missão, Cristo dá a ferramenta de trabalho (v. 1), a missão (v. 6), as diretrizes (v. 7, 8) e a previsão dos problemas que iriam enfrentar (v. 16-23). Nesse trecho que vai do versículo 1 ao 23, está compreendida toda a missão dada especificamente aos 12 discípulos, após a qual se inicia um texto abrangente que não se refere especificamente àquela missão, mas a todo o trabalho evangelístico e não apenas missionário.

As Escrituras precisam ser entendidas como o texto dirigido à igreja -- que elas realmente são --, mas jamais podem ser ignoradas como documento histórico, um relato de fatos e não um texto ficcional-inspiracional. No Evangelho de Mateus, o capítulo 10 nos retrata o que se passou logo após o Sermão do Monte (5-7): Jesus reúne os trabalhadores que o Pai enviou à seara e em seguida mostra a eles como anunciar o Reino do Céu entre os judeus, "com autoridade e não como os escribas" (7:29). Durante algum tempo os 12 apóstolos trabalharam como auxiliares de Jesus: organizando a plateia, fazendo contatos e preparando suas famílias para o longo período de ausência que enfrentariam pela frente -- ou até mesmo trazendo a família consigo, como fez Pedro. Após esse apostolado, diz o versículo 1 do Capítulo 10:

E, chamando os seus doze discípulos, deu-lhes poder sobre os espíritos imundos, para os expulsarem e para curarem toda enfermidade e todo mal.

Jesus manifestava o poder de Deus fazendo maravilhas, e ciente do trabalho futuro da Igreja concedeu poder aos homens para prosseguir a missão com a mesma autoridade (Jo 14:12-14); aqueles que testemunhavam os milagres entendiam que o Nazareno não manifestava o poder de Deus por ser Filho de Deus, mas sim que Deus estava trazendo ao mundo a manifestação de Seu poder por meio de seus servos. É interessante ressaltar o texto do capítulo 9 do Evangelho de Mateus, onde está escrito:

*Mas a multidão, vendo isso, maravilhava-se, e glorificaram a Deus,
que dera tal poder aos homens. (v. 8)*

Entender nossa origem em Deus e nossa participação em seu poder foi não apenas um problema teológico no tempo de Jesus... o é ainda hoje quando até mesmo os dons do Espírito Santo distribuídos na Igreja são incríveis por demais para parte da cristandade atual. Não apenas os judeus duvidavam da participação do homem no poder de YHWH (como no episódio de Jo

10:34¹) como também hoje grande parte dos cristãos não acreditam em milagres, apenas dando a eles crédito quando são provados cientificamente, na moda interna da igreja em buscar aprovação científica daquilo que Deus mostra a quem tem olhos para ver.

Sempre que Jesus realizava um milagre, realizava também o trabalho pedagógico de ensinar sobre o poder de Deus operado por meio da fé: *vai no teu caminho, e como tu creste, assim seja feito a ti* (8:13); *tem bom ânimo filha, a tua fé te curou* (9:22), *conforme a vossa fé seja feito* (9:29). Jesus fundava a sua igreja não apenas escolhendo as suas colunas de sustentação (apóstolos) mas também ensinando suas ovelhas a reconhecerem a sua voz (Jo 10:27).

Esse lado preparatório das ovelhas em adicional à preparação dos missionários é parte do Sermão da Missão, onde a partir do versículo 24 do capítulo 10 nós podemos ver ensinamentos que não se detém no grupo dos 12, mas chega a nós, hoje.

O discípulo não está acima de seu mestre, nem o servo acima de seu senhor.

Jesus fala aos discípulos, mas fala também a toda a igreja. O apóstolo Paulo nos ensina que somos todos servos de Cristo uma vez que fomos comprados pelo preço de seu sangue (I Co 7:22), estamos todos abaixo daquele que nos comprou, e mesmo tendo recebido poder e tendo sido feitos por Ele, filhos de Deus, jamais devemos querer ser maiores que o Mestre: *basta ao discípulo ser como o seu mestre.*

Esse *espírito missionário* é uma direção mestra para todo o serviço, não apenas dos 12 apóstolos mas de todo o imitador de Cristo, assim como a ideia de que aquilo que ouvimos dEle, deve ser pregado abertamente (v. 27); que não devemos temer a morte, mas a Deus (v. 28); que se confessarmos a Cristo, podemos ser perseguidos mas o próprio Cristo confessará nossa fidelidade ao Pai (v. 32); e que a devoção a Cristo pode trazer separação para com pessoas de nossa própria família (vv. 34-36).

E aqui temos uma afirmação dura e difícil de ser internalizada hoje, um tempo em que vivemos a glorificação do homem como o centro de tudo, em uma sociedade que enxerga no homem a razão de todas as coisas. Jesus nos diz: “o que ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e o que ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim” (v. 37).

Sendo as Escrituras não um guia metafórico mas antes de tudo um relato fidedigno dos fatos, vemos em Cristo a exigência do Pai para que todos os seus filhos sigam a sua Santidão (I Pe 1:15-17), e o Pai não amou seu unigênito mais do que a nós, antes sacrificou o seu próprio filho para nos resgatar. Entender a oferta do Pai como um sacrifício que só foi feito “porque Deus sabia que Jesus iria ressuscitar” é desconhecer que o próprio Filho mergulhou em angústia terrível, ao ponto de pedir ao Pai para que, se possível, executasse o seu plano sem a necessidade daquele sofrer.

“E levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristercer-se e a angustiar-se. Então lhes disse: a minha alma está demasiadamente triste, até a morte; ficai aqui e vigiai comigo. E ele indo um pouco mais adiante, prostrou-se sobre a sua face, orando e dizendo: ó meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.” – Mt 26:37-39

¹ A questão da participação humana no poder divino é esclarecida pelo apóstolo Pedro em sua segunda epístola à igreja, quando diz no capítulo 1, versículo 4 que “[...]nos são concedidas grandíssimas e preciosas promessas, para que através destas possais ser participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção que há no mundo, através da concupiscência”. Assim, é claro pelo Evangelho que participando do corpo de Cristo, participamos também de seu poder. Tal poder é ainda demonstrado ao mundo, por meio da Igreja, com os dons do Espírito Santo – I Co 12.

O conhecimento da Onipotência não faz cessar a dor momentânea, Cristo pede que se fosse possível o cálice fosse passado dele. Passado para quem? Não havia Outro Cordeiro Imaculado.

Mas adotando a forma de servo, Jesus se coloca nas mãos do Pai; e assim como Abraão colocou a lenha da oferta sobre Isaque (Gn 22:6), o Pai não retirou de Cristo o cálice, antes fez dele próprio um Santo Cálice e dele verteu seu sangue, que é dado de beber a nós todos no sacramento do Altar para que possamos ter comunhão com Ele -- “Bebei todos dele” (Mt 26:17).

O padecimento de Cristo foi uma demonstração de amor do Pai e do Filho, e tal demonstração de amor é exigida também do cristão². Amar os próprios filhos mais do que a Cristo é negar o amor do Pai que nos proporciona a vida eterna; não pode ser digno da eternidade celestial quem não O ama acima de tudo e de todos. Devemos todos sermos como Jó, que não colocou filhos, esposa e nem mesmo a si próprio como importante diante do Criador, antes assumiu a forma de servo e adorou.

O Sermão Missionário convoca os trabalhadores da seara a virem e se tornar discípulos, não apenas fieis; os transforma em pescadores de homens, e não apenas peixes multiplicados. Assim, vemos como no profeta Isaías que, aqueles que se achegam a Deus tornam-se cientes de suas fraquezas e pecados, mas Deus os purifica. São esses os que pegam a sua cruz pelo caminho, não a deixam lá, de pé e seguem sua jornada rumo à Nova Jerusalém, apanham o madeiro e o lançam sobre as costas também imitando a Isaque. O profeta Isaías (cap. 6), quando se viu diante de YHWH exclamou *Ai de mim! Porque eu estou arruinado. Porque sou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de lábios impuros. Porque meus olhos têm visto o Rei, o SENHOR dos Exércitos*, ao que Deus vendo sua contrição e o tendo por precioso ao trabalho ordena ao serafim que o purifique: *Então, voou um dos serafins em minha direção, tendo uma brasa viva em sua mão, a qual ele tinha tirado do altar com uma tenaz. E ele colocou sobre a minha boca e disse: Veja! Isto tocou teus lábios e tua iniquidade é removida, e teu pecado purificado* (v. 6, 7).³

Ter não apenas noção de nossos erros mas disposição para os confessarmos ao Deus Perdoador (Sl 99:8) é parte da imitação de Cristo, que *sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus* (Fp 2:2), antes se lançou aos pés do Pai no Getsêmani.

² No material complementar desta aula disponibilizo um sermão do pregador metodista John Wesley, intitulado “A negação de si mesmo”, onde o clérigo britânico defende de forma grave a necessidade de que todo cristão, e não apenas os apóstolos ou pregadores, neguem a si mesmos para poder seguir a Cristo. O sermão é baseado no texto de Lc 9:23, em uma passagem marcante de sua pregação, lê-se “*Muitos dos que escreveram não viram quão excessivamente amplo é este mandamento (toma a sua cruz e siga-me); ou não lhe sentiram a absoluta, a indispensável necessidade. Outros tratam dessa matéria de modo tão obscuro, tão embarulado, tão intrincado, tão místico, como se tivessem a intenção de ocultá-la ao vulgo, e não o intuito de explicá-la aos leitores comuns. Outros falam admiravelmente bem, com grande clareza e vigor, da necessidade da negação de si mesmo; mas então ficam apenas nas generalidades, sem descer aos exemplos particulares, sendo, assim, de escasso proveito ao grosso da humanidade, aos homens de alcance e de educação triviais. E se alguns desceram às particularidades, fizeram-no somente em relação àquelas particularidades que não afetam a generalidade dos homens, porque raramente ou jamais ocorrem na vida comum, como o suportar prisões, ou torturas; como o abrir mão, em sentido literal, de suas casas, ou terras, de seus maridos ou esposas, dos filhos ou da própria vida; renúncias a que não somos chamados, nem possivelmente o seremos, a menos que Deus queira permitir que voltem os tempos da perseguição pública. Enquanto isto se dá, não conheço escritor de língua inglesa que tenha descrito a negação de si mesmo em termos claros e inteligíveis*”.

³ O episódio da visão de Isaías é tema do Sermão “O chamado divino para missionários”, de C. H. Spurgeon. Nele o pregador batista conclama a multidão que o ouvia a atender ao chamado do Senhor e “ir por todo o mundo pregar o Evangelho”. Esse sermão consta do material complementar desta aula.



A vida cristã não é fácil aqui na Terra, mas é mister entendermos que a vida cristã não busca galardão terreal mas celestial. Assim, o Mestre termina o Sermão da Missão falando sobre a justiça da retribuição para com aquele que trabalha. Quem trabalha para o homem, recebe salário humano; quem trabalha para Deus, recebe salário divinal. Ninguém perderá a sua recompensa. Sirvamos todos Àquele que não é deste mundo (Jo 18:36), e em Seu reino receberemos nosso galardão.

Fernando Melo

Aula ministrada na Escola de Conservadorismo no dia 17 de fevereiro de 2021.